

Carnaval

Por Anderson Pimentel

Era no tempo do Rei. Mas não do Rei a que aludiu Manuel Antônio de Almeida. O Tempo e o Rei eram outros. O tempo era o da minha meninice, o rei, Momo. Até os doze anos, em Arame, Maranhão, eu não podia ver o carnaval porque minha avó não deixava. Não era o entrudo da época Colonial, disfarçado de Império; não havia limões de cheiro e polvilho; havia bexigas d'água e farinha de trigo. Caras brancas, caras pretas, brancas de farinha.

Depois veio o alumbramento, a cerveja, o beijo fácil, concedido a poucas palavras ou a uma troca de olhar, simplesmente. O vigiar e punir de casa virava o exagero e a massificação na rua. Exagero caótico, mas com sua organização delimitada. Era preciso fazer parte de um grupo. Daí as micaretas: cada bairro começava a campanha meses antes para garantir o uniforme e a turma mais descolada da cidade.

O tempo é rei. E no espaço da memória, as fronteiras geográficas se confundem. Brinco meu carnaval numa introspecção subjetiva. E misturo Maranhão com São Paulo. Dou notícia de lembranças até dos carnavais de onde não fui: Salvador, Recife, Rio de Janeiro. As festas me vêm pela televisão, pela internet, pelos livros, pelo rádio. E, se minha carne é de carnaval, e meu coração é igual, suspiro, pisando no presente, olhando pro passado, com fé no futuro.

Abre alas pra eu passar, porque eu vou botar meu bloco na rua. Na rua da minha mocidade, que se chamava Primavera, hoje talvez seja Rua Doutor Fulano de Tal. Vou tocar minha marchinha, meu samba-enredo, ora alegre, ora triste, porque a tristeza não tem fim, felicidade, sim. Com minha cara de pau – sem máscara –, Orfeu de Carapinha, pego minha lira pra tocar até quarta-feira. E sem precisar perguntar “você sabe quem eu sou”, direi à amada, suplicando um beijo: na boca, na boca, como o rapaz desvaído pedindo o esguicho de cloretilo, que o poeta cantou.

